



## **RICARDO RAMOS: O JORNALISTA/ESCRITOR NA COLUNA “LITERATURA E ARTE” DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* NOS ANOS DE 1959 E 1960<sup>1</sup>**

Wanderléia Pereira da SILVA<sup>2</sup>

Aroldo José Abreu PINTO<sup>3</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

### **RESUMO**

Ricardo Ramos deu início a sua carreira como jornalista aos quinze anos e com vinte anos publicou seus primeiros contos em revistas e suplementos literários. Com seu vasto conhecimento na área do jornalismo e na literatura (como escritor), deu início a sua contribuição nos jornais como colunista do Jornal *Última Hora*, de São Paulo, assinando a coluna “Literatura e Arte”. A proposta de elaboração deste trabalho surgiu do desafio de mostrar o lado jornalístico do escritor Ricardo Ramos, além de apontar a cultura literária do jornal *Última Hora*, que teve, conforme buscaremos demonstrar, boa contribuição do colunista Ricardo Ramos. Para a observação, delimitamos o corpus nos anos de 1959 e 1960.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ricardo Ramos; jornalismo; literatura; *Última Hora*.

### **INTRODUÇÃO**

Ricardo de Medeiros Ramos, nascido em Palmeiras dos Índios – AL, no dia quatro de janeiro de 1929, filho de Graciliano Ramos e Heloisa de Medeiros Ramos, com 14 anos foi para o Rio de Janeiro. Formou-se em Direito em 1951 na Faculdade de Direito de Guanabara-RJ, só que nunca trabalhou como advogado, mas sim como publicitário, jornalista, professor e empresário. Morou durante muito tempo em São Paulo, onde morreu com 63 anos, em 1992, vítima do câncer no fígado. Em sua vida ganhou diversos prêmios, como, o Jabuti, Guimarães Rosa, Coelho Neto e o da Associação Paulista dos Críticos de Arte, entre outros.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, UNEMAT, email: wanderleia\_99@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UNEMAT email: aroldoabreu@uol.com.br.



Ricardo deu início na sua carreira como jornalista aos quinze anos e com vinte anos publicou seus primeiros contos em revistas e suplementos literários. Com seu vasto conhecimento na área no jornalismo e literatura, deu começo a sua contribuição nos jornais como colunista do Jornal *Ultima Hora*, de São Paulo, em 1959 e 1960. A coluna “Literatura e Arte” que é dividida em quatro partes. Na seção inicial Ramos lançava uma crítica sobre uma obra da época, em seguida, passa para sessões menores: “Mosaico”, que contém diversas notas do que aconteceu na área da literatura no Brasil; “De Olhos No Mundo”, com acontecimentos na década de 1960 no mundo; e “Recortes”, em que são feitas críticas de outros escritores renomados sobre os livros que estes lançaram nesta época. Tomaremos neste trabalho os anos de 1959 e 1960 para ilustrar o senso jornalístico/crítico de Ricardo Ramos e seu apego à literatura, buscando demonstrar que o autor transita entre o jornalismo e a literatura com muita tranquilidade.

A pesquisa partiu dentro do projeto “Organização do Acervo de Ricardo Ramos”, desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Alto Araguaia, sob a coordenação do professor Doutor Aroldo José Abreu Pinto, onde tivemos a oportunidade de ponderar sobre Ricardo Ramos como escritor ligado ao jornalismo. O projeto tem como objetivo estimular pesquisas relacionadas ao acervo, tendo em vista formar futuros profissionais nesta área de conhecimento e divulgar o trabalho feito dentro do projeto, para que sirvam de referência em outros trabalhos.

A proposta deste presente artigo é mostrar os resultados de pesquisas realizadas na coluna “Literatura e Arte” nos anos de 1959 e 1960. Portanto, foi preciso digitalizar todo o material onde se encontrava a coluna e realizar uma leitura fazendo um trabalho quantitativo de tabulação de dados.

Nos jornais podemos observar que contém materiais de fundo informativo e opinativo. A coluna, como já foi dito, é dividida em quatro partes, onde serão analisadas de forma que apontem sua importância e seu teor jornalístico e literário.

### **O jornalismo opinativo**

De acordo com as idéias de Melo (2003) o jornalismo opinativo na contemporaneidade se dividiu “seguindo tendências diversas e até mesmo conflitantes” (p.101-102) e é “a expressão da opinião [...] atribuí aos fatos, mas compreendida como mecanismo de direcionamento ideológico” (MELO, 2003, p.74-75). Dessa forma, entende-



se que o juízo de um sujeito é exposto nas matérias jornalísticas, abrindo de certa maneira a reflexão do público para tentar avaliar o assunto tratado na coluna, para que também possam atribuir suas próprias idéias. Pode-se encaixar Ricardo Ramos no gênero opinativo, primeiro por priorizar escrever crônicas e artigos e, em sua coluna, manifesta suas críticas.

Ainda colocando à frente às falas de Melo (2003), as críticas têm como função “utilitária”, que ajuda os “consumidores” a tomar as decisões mais cabíveis em relação ao produto cultural, é um “gênero jornalístico destinado a orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado”, também tem como função ajudar os escritores à melhoria de suas obras, pois nas colunas “procura também assumir o caráter de um “diálogo” com os produtores, oferecendo pistas para autores [...] Desta maneira, interfere nos padrões da produção” (MELO, 2003, p.132).

Conforme Melo (2003), os gêneros jornalísticos surgem de quatro essências, sendo a empresa, o jornalista, colaborador e o leitor.

A opinião de empresa, ademais de se manifestar no conjunto da orientação editorial (seleção, destaque, titulação), aparece oficialmente no *editorial*. A opinião do jornalista, entendido como profissional regularmente assalariado e pertencente *artigo*. A opinião do colaborador, geralmente personalidades representativas da sociedade civil que buscam os espaços jornalísticos para participar da vida política e cultural, expressão permaneceu através da *carta*. (MELO, 2003, p.102)

Ricardo Ramos tinha como características ser opinativo e informativo, pois suas opiniões são colocadas em suas colunas, criticando sobre uma obra, colocando pontos negativos e positivos que, de certa forma, tendem a relatar de modo explicativo/informativo para o leitor as vertentes de determinado assunto nas diversas seções que continha.

### **Ricardo Ramos e a Coluna “Literatura e Arte”**

Inicialmente, vale destacar que Ricardo Ramos foi um grande conhecedor dos contos produzidos no Brasil e no exterior. Escreveu vários livros de contos, uma novela, um romance e contribuiu com crônicas em diversos periódicos do país. Trabalhou em jornais, o que o tornou um ótimo jornalista, atuava como repórter, redator, cronista e secretário da redação. Isso fez com que Ricardo Ramos se tornasse bastante experiente como jornalista, além de literato.



Neste trabalho enfocamos justamente a sua contribuição para o jornal *Ultima Hora* na Coluna “Literatura e Arte”, uma vez que temos como pressuposto que esta coluna foi de grande ajuda para a divulgação da produção intelectual de vários escritores da sua época e para levar ao conhecimento dos leitores as riquezas da Literatura Brasileira de então. Ricardo Ramos por muitos anos preencheu essas colunas com o seu conhecimento sobre a literatura e informou excepcionalmente os leitores com suas críticas sobre determinados livros.

A citada coluna assinada por Ricardo Ramos é dividida em quatro partes. Inicia com a uma crítica do próprio autor e, em seguida, divide em outras notas menores: “Mosaico”, “De Olhos No Mundo” e “Recortes”. Em cada seção, discorre sobre certo assunto, de diversas maneiras. O seu modo de se expressar nas colunas é de certa forma, uma expressão da “arte”, pois concilia em sua coluna um modo de escrita que reúne a literatura e o jornalismo informativo. Ao fazer a crítica a certos livros insere, em seguida, uma série de notas informando o que aconteceu no exterior e no Brasil no campo literário.

Para Alceu Amoroso Lima, “o jornalismo, como gênero literário, deve ser antes de tudo uma arte.” (LIMA, 1969 p.42 *apud* REZENDE, 2002, p.54). Ricardo Ramos, dessa forma, parece ser um artista/jornalista completo.

A seção principal da coluna começa com uma crítica feita por Ricardo. De acordo com Marques de Melo ele segue um padrão da resenha crítica brasileira que consiste em:

- a) um nariz de cera como introdução acerca do assunto da obra; b) Algumas notas sobre o autor e sua produção anterior; c) Mais algumas digressões e anedotas; d) Afinal, um juízo pessoal, de acordo com o critério de gosto e sensibilidade do crítico. (MELO, 2003, p.135)

A seção principal e de gênero opinativo, onde Ricardo tinha uma liberdade de falar sobre os lançamentos de livros, também tem a função de apontar às pessoas uma boa leitura.

Pela maneira como se inicia, pelo interesse que fatalmente despertará em um grande público a coleção "Historias e Paisagens do Brasil" está fadada a um belo sucesso de vendas. Esperemos que sirva no mesmo nível dos seus dois primeiros lançamentos. E a crítica certamente irá apontá-la como um bom exemplo de divulgação cultural. (RAMOS, 1959, p.11)

De acordo com Felipe Pena (2006, p. 39) “o crítico produz um discurso artístico na medida em que articula conceitos e sensibilidades. Ele trabalha com a racionalidade, mas



também utiliza a intuição”. Já Rezende (2002) lembra também que “o jornalismo literário já era recurso utilizado nos primórdios da imprensa” (p.28). A primeira faculdade de jornalismo do Brasil foi implantada na década de 1960. Portanto, os textos jornalísticos eram feitos por escritores, advogados, entre outros, mas Ricardo Ramos já trabalhava há muito tempo como jornalista e escritor de ficção.

Ainda na primeira seção na qual eram mostradas as reflexões do colunista sobre o livro, vale destacar a “honestidade” das suas falas.

Sim, há muito que louvar nessa edição de Casanova. Desde o prefácio, que Agripino Grieco escreveu com a maior lucidez, até de pé-de-página que não lhe sabemos o autor e são excelentes. [...] O material iconográfico, as ilustrações que se voltam para a fixação de lugares, o aspecto gráfico, tudo contribui para um processo gráfico e harmonioso, a notável apresentação desse ótimo empreendimento editorial (RAMOS, 1959, p.11)

Seu discurso sobre o literário é visto em todas suas colunas. Nelas suas opiniões, de forma clara e concisa, informam o leitor sobre uma leitura boa ou ruim.

Asclepios tivesse podido ir mais além, o nível atingido em seu primeiro livro afirma como escritor de possibilidades amplas. Mais ainda: evitando as experimentações em voga, o contista realizou obra uniforme. Não destacaríamos, no conjunto desses contos, algum trabalho de maior vulto. Preferíamos olhá-los como um todo, que deixa impressão harmoniosa. "Um Dia Sem Pecado", nesse sentido é livro que pode ser encarado com otimismo. Seu autor certamente fará, mais, e tem o necessário para fazer melhor. (RAMOS, 1959, p. 11)

As colunas focam a literatura e tinham como um dos objetivos informarem. Fernando Rezende (2002, p.56) diz que “o jornalismo mesmo que constitutivo de uma linguagem de valor próprio busca reafirmar-se a partir de sua objetividade, da verdade que nele se supõe inserida” e nas seções elas corroboram de diversas maneiras, mostrando a verdade ao seu público.

Segundo Felipe Pena (2006, p.40) “no caso da literatura, isso significa que os lançamentos têm lugar de destaque, pois estão inseridos na lógica de um valor - notícia fundamental, o que é da novidade”.

Em dezembro último, escapando às resenhas do ano, foi publicado “Os Incoerentes”, de Harry Laus. Se 1958 nos deu bons lançamentos, esse deve ser forçosamente incluído entre os mais importantes. Não era livro que se perdesse nas listas das editoras, era livro que revelava um contista. (RAMOS, 1959, p.11)



A parte da coluna denominada “Mosaico” tem como objetivo mostrar o que acontecia no Brasil em termos de literatura. Em geral os textos eram compostos por notas, “A *nota* corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração” (MELO, 2003, p.65) e têm caráter noticioso.

Já nas livrarias do Rio o último romance de José Condé, “Terra de Caruaru”, que deverá ser lançado terça-feira próxima em S. Paulo, com um coquetel na Teixeira (Marconi, 40), onde o autor estará autografando seu novo livro. É oportuno lembrar que o romance anterior de José Condé, “Um Ramo para Luisa”, teve duas edições sucessivas que se esgotaram rapidamente. (RAMOS, 1960, p.11).

Já “De olhos No Mundo” traça um perfil parecido ao de “Mosaico”, só que abrange outros países. Traz, assim, informação da cultura de fora para conhecimento de todos os brasileiros. O jornal encurta o tempo e espaço para que os leitores saibam o que acontece no outro lado do mundo, sendo um modo de fácil acesso à informação.

O último número da revista “polônia”, editada em Varsóvia e que chega ao Brasil em edição espanhola, publica artigos da romancista Maria Dabrowska e de dois críticos, sobre a obra de Steinbeck. Defendendo o romancista norte-americano, a escritora classifica a novela “Noite Sem Lua” como uma das obras mais importantes em seu gênero, nas últimas décadas”. [...] “O prêmio de Mérito para Romances (mil dos lares), da Academia Americana de Artes e Letras, referente a 1959, foi dado ao escritor inglês Aldous Huxley, há longos anos residente nos Estados Unidos. Anteriormente, essa honraria coube aos escritores Ernst Hemingway, Thomas Mann e Theodore Dreiser. (RAMOS, 1959, p.11)

A seção “Recortes” é um retalho de uma crítica que certo escritor consagrado fazia sobre um livro, que era colocado por Ramos em sua coluna. Trazia, assim, não só a sua visão, mas a de outros, o que tornava mais diversificadas as idéias e possivelmente aumentava a fidelidade dos leitores que, ao identificarem com certo escritor exposto na coluna, logo estariam também sendo conquistados.

De Menotti Del Picehia, sobre "O Caminho Sem Aventura", de Lêdo Ivo: “Seus caminhos são mais os interiores e a paisagem que clã à lenta fabulação dos seus romances parece existir apenas para fixar uma dimensão espacial ao verdadeiro drama que se passa mais dentro da personagem. (RAMOS, 1960, p.11)

Acreditamos que neste momento já seja possível fazer a pergunta que nos dirige até o momento: Ricardo Ramos é um literato ou um jornalista? Ele é os dois, pois, conseguia



colocar em contiguidade os dois gêneros. Fazia de suas colunas obras de arte, matérias noticiosas de informações sobre livros, prêmios entre outros acontecimentos, mas recheada de vida e com pendor literário. Ao trazer informações que fossem de interesse do público, inseria sua visão de mundo, o que é o caso da coluna “Literatura e Arte”, do jornal *Última Hora*. Ricardo Ramos soube conciliar fato com arte.

A partir das pesquisas foi possível notar os dois lados de Ricardo Ramos: o literário e jornalístico. Ele possui um censo crítico sobre os livros, para além do meio social, estende seus comentários, preocupando-se com questões menores como preços dos livros, até com a recepção de seu público, além de ter sido um crítico acentuado em questões de política. É a confluência desses aspectos que o tornava um excelente jornalista do literário.

O livreiro-editor carioca Carlos Ribeiro sugeriu, em entrevista, uma reunião de escritores e editores, para o debate da situação atual do livro. Refutando o exagero de ceda manifestação, que afirma, preferirem os editores o lançamento de autores estrangeiros, Carlos Ribeiro se referiu as suas programações (150 volumes de escritores nacionais) e aludiu nominalmente ao trabalho dos editores José Olympio e José Barros Martins, enquanto isto um deputado reúne elementos para levar a câmara federal o exame de um fato: casas editoras estão devolvendo originais de autores brasileiros. O noticiário sobre as majorações no preço de custo do livro continua. (RAMOS, 1959, p.11)

Ao mesmo tempo em que era bastante crítico, Ricardo Ramos apresentava um perfil de humildade, pois se preocupava com o seu público e revelava a situação de desvalorização da literatura brasileira, sempre expondo seus objetivos.

A coluna “Literatura e Arte” surgiu uma trajetória de divulgação de publicações, principalmente de livros; sempre constavam nomes de livros bastante conhecidos como *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, *Laços de Família*, de Clarice Lispector entre outros vários. Ricardo Ramos trazia, assim, a cultura para seu público, não os deixando leigos numa das áreas de formação humana que mais confiava. É possível traçar o perfil de Ricardo Ramos, tendo em vista a forma como ele escrevia sua coluna: o conteúdo de fácil entendimento e a opção pelo linguajar da sua época.

A própria organização da coluna, dividida em quatro partes, sendo a primeira uma crítica que Ricardo Ramos fazia sobre um livro e em seguida as seções “Mosaico”, “De Olhos no Mundo” e “Recortes”, é uma escolha correta. De acordo com Rabaça e Barbosa (1978), esta escolha facilita o acesso à informação pelos leitores.

[...] é redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendados, podendo adotar, lado a



lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página o que facilita a sua localização imediata pelos leitores. (RABAÇA E BARBOSA, 1978, p.102 apud MELO, 2003, p.139, 140.).

Pode-se perceber que há uma estética adotada pelo autor, tanto na escrita, quanto no conteúdo, que traça um panorama da vida literária na década de 1960, no jornal *Ultima Hora* e, principalmente na coesão de sua página literária.

### **Afinal: um escritor jornalista ou um jornalista escritor?**

Vimos que Ricardo Ramos se encaixa na posição de um especialista em literatura e de um jornalista/escritor. De acordo com Marques de Melo (2003, p.137), “são jornalistas que procuram explicar, esclarecer, orientar o público no contato com as produções de um segmento da indústria cultural”. Ramos em suas colunas orientava os leitores sobre a obra, além de mostrar onde o escritor acertou ou errou, dando orientações e direcionando sobre os caminhos que estes autores poderiam tomar em seus novos trabalhos. Somente um jornalista/escritor como Ricardo Ramos poderia fazer isso com tanta distinção, já que estava entre os dois: era jornalista, era ficcionista. Conforme já dissemos acima, Ricardo Ramos escreveu 24 livros, entre literatura juvenil e literatura para adultos, novelas, romances, memórias e, principalmente e contos. Escreveu seu primeiro livro com 24 anos, estreando em 1954 com *Tempo de espera*. Em sua vida, Ricardo Ramos recebeu importantes prêmios literários, o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, recebeu três vezes (novela, de 1959, contos, de 1961 e 1970), o Guimarães Rosa (conjunto de obra de contista) no IV Concurso Nacional de Contos do Paraná, o da Câmara Municipal de São Paulo (jornalismo), o prêmio Afonso Arinos (contos) e o Coelho Neto (romance), da Academia Brasileira de Letras, e o da Associação Paulista dos Críticos de Arte (romance), além de ter obras traduzidas em várias línguas como o espanhol, francês, inglês, alemão e em russo. Suas obras lhe garantiram cinco distinções literárias, dentre as quais se destacam o Prêmio “Afonso Arinos”, da Academia Brasileira de Letras, e, por duas vezes, o Premio “Jabuti”, da Câmara Brasileira do Livro. Fica patente, portanto, sua atuação como ficcionista.

Já quanto a sua formação, trabalhou como jornalista em diversos jornais desde os 15 anos. Atuou, ainda jovem, na imprensa carioca, trabalhando como repórter, redator, cronista e secretário de redação. No Jornal *Última hora*, com a coluna “Literatura e Arte”, ele



trabalhou durante anos e como pudemos perceber pode exercer seu lado jornalista e literato, sempre informando assuntos da atualidade com senso crítico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrar em contato com a coluna “Literatura e Arte”, do jornal *Última Hora*, nos anos de 1959 e 1960, teve-se o intuito de buscar uma forma de comparar o literato Ricardo Ramos e o jornalista Ricardo Ramos. Os resultados encontrados demonstram que ele possuía um vasto conhecimento sobre a literatura que circulava na época, o que o possibilitou ser competente na área do jornalismo literário na década de 1960 no Brasil. Portanto, após observar a coluna e suas seções mais atentamente, notamos que o jornalista não se sobrepõe ao escritor. O que ocorre é que, antes disso, ele transita com maestria nas referidas colunas, com predomínio de textos informativos sobre os críticos, como pudemos observar nos comentários aqui feitos, mas longe de podermos afirmar que o jornalista se sobrepõe ao ficcionista.

Pudemos perceber também que o jornalista Ricardo Ramos tende a ser um comentarista crítico que busca informar seu público do que há de mais contundente na literatura ou em outros assuntos afins. Assim sendo podemos afirmar que este escritor, jornalista e publicitário teve importante destaque nos anos que publicou sua coluna no jornal, contribuindo para que os principais intelectuais e escritores da época tivessem seus trabalhos divulgados, por meio das seções “Mosaico”, “De Olhos no Mundo” e “Recortes”, e na seção inicial em que ele lança sua crítica aos textos ficcionais positiva ou negativamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

PENA, Felipe, **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.



RAMOS, Ricardo. **Balbino, Homem do Mar.** *Última Hora*. São Paulo, 3 dez. 1960. p.11. Literatura.

RAMOS, Ricardo. **Livros.** *Última Hora*, São Paulo, 21 de fev. de 1959. p.11. Literatura e Arte.

RAMOS, Ricardo. **Memórias de Casanova.** *Última Hora*, São Paulo, 4 abr. 1959. p.11. Literatura e Arte.

RAMOS, Ricardo. **Mosaico.** *Última Hora*, São Paulo, 18 abr. 1959, p.11. Literatura

RAMOS, Ricardo. **Historias e Paisagens do Brasil.** *Última Hora*, São Paulo, 28 fev. 1959. Literatura e Arte. p.11.

RAMOS, Ricardo. **Os Incoerentes.** *Última Hora*, São Paulo, 14 fev. 1959. p. 11. Literatura e Arte.

REZENDE, Fernando Antônio. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe/ Fernando Antônio Rezende.** São Paulo: Ed. Annablume: Fapesp, 2002.